

## A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EM GEOGRAFIA PARA O ESTUDO DA VULNERABILIDADE DO LUGAR<sup>1</sup>

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes<sup>2</sup>

### RESUMO

A Ciência Geográfica se desenvolveu ao longo do século XX a partir das abordagens quantitativas. Não mais correspondendo às configurações do mundo contemporâneo em seus espaços, paisagens, territórios, regiões e sobretudo lugares, essas abordagens foram trabalhadas para que o mundo contemporâneo fosse melhor compreendido, na busca da construção de um conhecimento geográfico que cumprisse com um dos seus objetivos: compreender a relação do homem com seu meio. A fenomenologia enquanto abordagem e direcionamento teórico-metodológico é um dos produtos dessa transformação nos estudos geográficos. A partir dessa confluência entre Geografia e Fenomenologia é possível realizar os estudos dos lugares partindo da experiência vivida das pessoas e suas maneiras de mitigar os riscos e perigos aos quais são expostas cotidianamente. Quando se olha o processo do risco sobre o prisma da insegurança, manifestam-se habilidades e fraquezas das pessoas e sistemas de passarem pela experiência do perigo e a isso é chamado o estudo da vulnerabilidade. No âmbito das mudanças climáticas, estudar vulnerabilidade mostra o caminho que devemos seguir num estudo geográfico fenomenologicamente orientado, que deve ser explorado para a compreensão do mundo contemporâneo.

**Palavras-chaves:** Geografia, Fenomenologia, Lugar, Vulnerabilidade, Contemporaneidade.

## EL ENFOQUE FENOMENOLÓGICO EN GEOGRAFÍA PARA EL ESTUDIO DE LA VULNERABILIDAD DEL LUGAR

### RESUMEN

La ciencia geográfica se desarrolló a lo largo del siglo XX a partir de los enfoques cuantitativos, sin embargo, dejó en segundo plano la configuración del mundo contemporáneo en sus espacios, paisajes, territorios, regiones y lugares particulares. Dichos enfoques fueron propuestos con el fin de comprender el mundo contemporáneo a través del conocimiento geográfico, cumpliendo con uno de sus objetivos: entender la relación del hombre con su entorno. La fenomenología como enfoque teórico metodológico hace parte de la transformación en los estudios geográficos. A partir de la confluencia entre la geografía y la fenomenología es posible estudiar los lugares a partir de la experiencia de las personas y sus formas de mitigar los riesgos y peligros a que están expuestos cotidianamente. Al analizar el proceso del riesgo con el prisma de la inseguridad, aparecen las habilidades y debilidades de las personas y sistemas al experimentar el peligro, a esto se le ha denominado estudio de la vulnerabilidad. En el contexto del cambio climático, estudiar la vulnerabilidad muestra el camino a seguir en un estudio geográfico fenomenologicamente orientado, que debe ser explorado para la comprensión del mundo contemporáneo.

**Palabras clave:** Geografía, Fenomenología, Lugar, Vulnerabilidad, Contemporaneidad

## THE PHENOMENOLOGICAL APPROACH IN GEOGRAPHY FOR THE STUDY OF PLACE VULNERABILITY

### ABSTRACT

Geographical science has developed throughout the 20th century from quantitative approaches. No more corresponding to the settings of the contemporary world in their spaces, landscapes, territories, regions and places, these approaches were worked for the contemporary world would be better understood, in pursuit of building a geographic knowledge to comply with one of its goals: to understand the relationship between man and his environment. The Phenomenology as a theoretical-methodological approach is one of the products of this transformation on geographical studies. From this confluence between Geography and Phenomenology is possible to starts the study of places from the experience of the people and their ways to

<sup>1</sup> Nota de Pesquisa resultante dos estudos sobre vulnerabilidade do lugar na participação do Projeto “Geografia dos Riscos e Mudanças Ambientais: construção de metodologias para a análise da vulnerabilidade”, na qualidade de bolsista de Treinamento Técnico de nível 3 pela FAPESP, sob orientação do professor Dr. Eduardo Marandola Jr., desenvolvido no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência, da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Campus Limeira/SP.

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Unicamp. [moreirah.neto@hotmail.com](mailto:moreirah.neto@hotmail.com)

mitigate the risks and dangers to which are exposed on a daily basis. When is looked at the process of the risk on the prism of insecurity, is demonstrating skills and weaknesses of people and systems to pass by the experience of danger and it is called the study of vulnerability. In the context of climate change, vulnerability study shows the way forward in a geographical study phenomenologically oriented, which should be explored for the understanding of the contemporary world.

**Key words:** Geography, Phenomenology, Place, Vulnerability, Contemporaneousness.

## Introdução

No início do século XX a ciência geográfica foi se caracterizando por estudar os espaços, as regiões, os territórios e os lugares, estes últimos no sentido locacional, em que pouco se falava, propriamente, de pessoas como agentes de transformação do espaço, onde se estabelecem e produzem outros espaços. A Geografia Humanista-Cultural surge no último quartel do século XX como forma de reconsiderar as dinâmicas humanas e a relação com seus ambientes; estes últimos, agora, urbanizados e industrializados (ROCHA, 2007). Como consequência, Vaz (2006, p.69) pontua que o desenvolvimento dessa geografia é marcado quando.

um novo olhar é lançado sobre as questões que se referem aos processos sócio-culturais como a construção de identidade, as vivências culturais, os diferentes modos de ser e agir que os diversos grupos sociais constroem no interior das classes, as múltiplas relações e significações que os sujeitos estabelecem no seu espaço.

Esse novo olhar apontado por Vaz (2006) nos leva a refletir sobre as dificuldades da Geografia Teorético-Quantitativa, a saber, anterior à humanista e data de 1920 a 1960, em continuar explicando o mundo ao passo que o mesmo é modificado, espacial, socioeconômica e culturalmente. Considerando o mundo como um fenômeno em sua manifestação, os precursores dessa nova geografia encontraram na fenomenologia a abordagem adequada para solidificar esse novo ramo da ciência geográfica. Esta abordagem filosófica surge no início do século XIX como forma de superar a dicotomia entre sujeito e objeto tão frequente nos estudos das ciências naturais e/ou positivistas, influenciando assim a construção da filosofia contemporânea (ROCHA, 2002).

Desenvolvida pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859 – 1938) como reação ao idealismo subjetivo frente à crise das ciências ocidentais do fim do século XIX, a fenomenologia leva consigo a ideia da intencionalidade, pela qual o sujeito e objeto são indissociáveis. “Dessa forma, trata de interpretar a apreensão das essências [dos fenômenos] a partir da experiência vivida, aplicada e adquirida pelo indivíduo, buscando não distinguir o objeto do sujeito [...]” (SILVA, 2005. p. 3). De acordo com Correia (2006) a fenomenologia criou, dentro da Geografia, possibilidades para novas formas de descrição e análise do espaço que não as cartesianas ou matriciais. O ser humano é elevado à

protagonista e transformador do espaço que vivencia cotidianamente, pois é dotado de sentimentos, sensibilidade corpórea e inteligência. O mesmo autor aponta que:

[...] mesmo antes de perceber [o ser humano] sente e em última instância pensa através do sentimento vindo do íntimo do ser, envolvido, também, por uma construção histórica e cultural de ordem pessoal que interage com os fenômenos que também têm sua história natural passível de ser focalizada e descrita pelo sujeito sensível [...] (p. 72).

Esta apropriação do espaço não poderia ser, também e com eficácia, analisada sem que fosse tomada a categoria de lugar para pensar a relação homem-meio. Interpretado de diferentes formas, ao longo da história da disciplina, o conceito de lugar perpassa todos os campos do conhecimento; sua definição mais antiga está em Física (Physics) de Aristóteles, no qual o mesmo dizia ser um lugar os limites que circundam o corpo. Séculos passaram e a ciência foi tomando formas particulares em diferentes ramos, cada uma com sua definição de lugar (LEITE, 1998).

Quando discute sobre o conceito de lugar na Geografia Humanista, Holzer (1999, p. 68) afirma que o geógrafo Carl Sauer teria sido um dos primeiros a desvincular o lugar do seu sentido locacional. “Isso porque ele via a disciplina geográfica como algo ‘além da ciência’, ou seja, que não devia necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas”. Os estudos de Sauer, sobre as paisagens num âmbito cultural-materialista, abriram espaço para que os componentes subjetivos e intersubjetivos dos espaços fossem cogitados e analisados à luz de novos métodos de abordagem filosófica (os da fenomenologia), também nascidos na mesma época, para a compreensão do espaço geográfico (CORRÊA, 2001).

Não poderíamos deixar de buscar em Yi-Fu Tuan, geógrafo de grande destaque na Geografia Humanista, o entendimento do lugar. Para Tuan (1983) o lugar é segurança e pode ter diversas definições, mas só se configura como lugar quando é considerado um mundo organizado e dotado de significado, quando é percebido, vivido, experienciado – entendido como culturalmente constituído para fundamentar, também, a cultura. Ainda segundo Tuan, apenas os seres humanos produzem cultura. Espaço e Lugar são então relacionados, pois “[...] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar[...]” e “as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983. p.6).

Atualmente quando nos remetemos ao conceito de lugar geralmente direcionamos à Geografia Humanista - Cultural, que associa o lugar ao espaço da realidade em que vive uma pessoa, pois nele, o lugar, está a possibilidade de uma compreensão autêntica, das muitas compreensões possíveis, da relação homem-meio, no mundo, a partir da forma de como é conhecido, percebido, apropriado, construído, habitado e reproduzido. Se lugar

é segurança e a sociedade contemporânea tem vivido em meio a diversos riscos, cabe também, a nós geógrafos, entendermos como está a relação das pessoas com os seus lugares identificando, caracterizando e mitigando suas vulnerabilidades.

Quando partimos, portanto, para uma investigação sobre vulnerabilidade do lugar, significa incorporar todos estes elementos enquanto mediadores e partícipes da própria vulnerabilidade. Todo este complexo material e imaterial compõe as possibilidades de enfrentamento dos riscos e perigos, e por isso são importantes para entender qual a posição de populações específicas, com suas características próprias, frente a diferentes perigos que terão de enfrentar. (MARANDOLA JR., 2011. p.18).

Quando Marandola Jr. (2009) discute a origem do termo vulnerabilidade afirma antes que a publicação do 4º Relatório do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) no ano de 2007, chamado também de AR-4, marcou a inclusão desse termo como elemento basilar “para as políticas públicas de todas as esferas, estritamente ambientais ou não” (p.29). No mesmo embalo do AR-4 estavam as conferências mundiais de meio ambiente em 1972, 1992 e 2012 – como forma de tentar administrar as interferências sociais nos sistemas ambientais globais (sendo as interferências verídicas ou não), que até o fim da década de 1970 pareciam impossíveis, principalmente quando se pontuava a magnitude dessas interferências.

Esses termos/conceitos surgiram com o grande tema das mudanças climáticas e ambientais globais “em quase todas as arenas institucionais, políticas, científicas e da sociedade civil” a partir da década citada, quando, a saber, começaram as mudanças no pensamento da sociedade e na opinião pública a respeito da problemática ambiental. Esse mesmo autor escreve que a própria ciência das mudanças ambientais globais, formada ao longo dos anos de 1990, é um dos principais seios para a formação e consolidação do conceito de vulnerabilidade (MARANDOLA JR., 2009, p.30).

O geógrafo Eduardo Marandola Jr. e o demógrafo Daniel Joseph Hogan são referências-chave, pois entendemos que, enquanto pesquisadores de áreas paralelas, atuaram em sinergia para a compreensão e discussão das transformações das sociedades contemporâneas, que a priori concentram-se nos diversos centros urbanos construídos e [re]produzidos pela própria sociedade em todo o mundo/ao longo do espaço-tempo. Ora, se as pessoas enquanto sociedade se estabelecem e se relacionam ininterruptamente, e constituem seus mundos a partir de suas vivências no espaço, e este último, enquanto geográfico, é objeto de estudo da Geografia, a produção social desse espaço precisa ser analisada de maneira que encontremos uma compreensão teórica e prática dessas relações.

A Geografia ganha destaque por estar envolvida, também, na interface homem-natureza/população-ambiente ou ainda pessoa-espaço, para então “construir teorias e estratégias conceituais e empíricas de trabalhar com essas esferas sem dicotimizá-las”

(MARANDOLA JR.; HOGAN, 2009, p.162). Pressupondo que “Conviver com o risco tornou-se uma marca da sociedade contemporânea, sejam eles ambientais, sociais, tecnológicos ou um híbrido desses” (HEWITT, 1997; PINGEON, 2005; BAUMAN, 2007 apud MARANDOLA JR. 2009, p.35) observar e considerar a identidade e as características do lugar tornam-se ações importantes e fundamentais no enfrentamento das situações de riscos, pois sugere estimas culturais, receios e os sentimentos de incerteza, precariedade e insegurança na resolução dessa convivência. A partir desse pressuposto sinalizamos que os conceitos de risco e perigo são fundamentais, pois auxiliam na compreensão do contexto em que se dão (quaisquer que sejam) e nas condições de responder a eles. Entender o conceito de risco então é

[...] importante porque nos permite pensar em termos de probabilidades tanto no que se refere à frequência quanto aos lugares de ocorrência. Permite, portanto, promover o planejamento a partir de um olhar prospectivo [enquanto] perigo [...] é o conceito utilizado para delimitar os eventos que produzem o rompimento de uma continuidade, que interrompem uma sequência, provocando danos na interface população-ambiente [homem-espaço, seja este de natureza social, ambiental, tecnológica, funcional e organizacional] (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2004a/b apud MARANDOLA JR., 2009, p.36).

Antes de falar de risco Marandola Jr. (2009) faz um apanhado histórico das mudanças no discurso ocidental sobre as noções de perigo e desastre de acordo com as considerações de Hilhost e Bankoff (2004) que, por sua vez, consideram a transformação cultural dessas noções a partir de eventos como: 1) a proliferação de doenças tropicais nas colônias do século XVII até o XX onde a tropicalidade especializou a medicina ocidental; 2) marca do pós-segunda grande guerra e a generalização da pobreza onde o investimento era o foco para o “desenvolvimento” (nos centros industriais, por exemplo); 3) emergência de desastres naturais já a partir do final do século XX onde a ciência aliada à técnica (tecnologia) é vista como solução para os males planetários e por último 4) mudanças climáticas já no início do século XXI em que a condição de vulnerabilidade caracteriza a vida das populações no ocidente e a ciência continua no patamar de responsabilidade para dirimir essas variadas e complexas vulnerabilidades.

Dentre os quatro pontos mencionados as mudanças climáticas deveriam receber mais atenção, pois potencializa os três primeiros pontos. Reforçamos que na ciência é depositada a confiança “para analisar, prever e gerir não apenas os riscos e perigos, mas agora também as vulnerabilidades dos lugares e das populações” (MARANDOLA JR., 2009, p.36).

Vistos esses conceitos percebemos que seus alcances não se bastam a eles mesmos e vão além; o uso de um ou de outro serve para dar diferentes focos aos eventos socioambientais tanto no campo político como na dimensão acadêmica. São momentos



distintos desses processos (eventos) que congregam os conceitos de vulnerabilidade, resiliência e adaptação. “A atenção se volta para a forma como a experiência dos eventos afeta a integridade do lugar, a segurança existencial das pessoas e a própria organização social e política” da cidade, do bairro ou da rua. (MARANDOLA JR., 2009, p.37).

Uma pergunta frequente por parte de quem se aventura nessas formas de olhar/ler o espaço é: vulnerabilidade a que? Ou ainda de quem ou de onde? Essas não deveriam ser necessariamente as perguntas, ainda que inevitáveis. “A vulnerabilidade é conceito importante justamente porque permite um olhar contextual e circunstancial dos fenômenos, abrangendo sua multidimensionalidade” numa sociedade que se reproduz na produção de um espaço injusto e desigual e que permite ao próprio lugar, e sua natureza fenomênica, nos direcionar sobre os riscos e perigos mais complacentes para a população (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2006a apud MARANDOLA JR., 2011, p.18; MARANDOLA JR., 2009 p.38).

“Percebemos ao longo do tempo que a vulnerabilidade é intangível, pois ela não é um fenômeno isolado nem um dado: ela faz parte da própria constituição dos lugares, grupos e pessoas” (MARANDOLA JR., 2008; 2009 apud MARANDOLA JR., 2011, p. 18). A vulnerabilidade é, de forma simplificada, o ponto de vista sobre como uma população ou instituição pode suportar os impactos de um perigo, absorvendo esse impacto e tentando voltar ao estado anterior a este (resiliência) alterando, na observação e vivência (experiência), a ordenação territorial dos seus espaços de vida (adaptação). A vulnerabilidade é relevante quando se olha o processo do risco sobre o prisma da insegurança e, dessa forma, manifestam-se habilidades e fraquezas das pessoas e sistemas de passarem pela experiência do perigo. Desse ponto de vista, conceber a natureza processual da vulnerabilidade como fenômeno é de fundamental importância, pois cada termo entendido se transfigura como instantes paralelos ou subsequentes da própria vulnerabilidade, permitindo-nos visualizar um panorama tangente entre eles para que, analisados em conjunto, nos mostrem o caminho que devemos seguir num estudo geográfico fenomenologicamente orientado. Esse é um dos caminhos que devem ser explorados para que alcancemos uma das inúmeras maneiras de compreensão do mundo contemporâneo.

## Referências

- CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 146 p.
- HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. Niterói – RJ, 1999.
- LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anu. Inst. Geociências**, 1998, vol.21, p.09-20.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Tangenciando a vulnerabilidade. In: HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., E. (Org.). **População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais**. Campinas: NEPO/UNFPA, 2009.
- \_\_\_\_\_. Vulnerabilidade do Lugar: Construção de um Objeto e de uma Metodologia em População e Ambiente *In Vulnerabilidade do lugar e riscos na Região Metropolitana de Campinas* / Eduardo Marandola Júnior (Org.); Daniel Joseph Hogan (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População / Unicamp, 2011. TEXTOS NEPO 62. p.13-22.
- MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel. J.. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.26, n.2, p.161-181, jul./dec.2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v26n2/02.pdf>. Acesso em 21 de Setembro de 2015.
- ROCHA, L. B. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para Analisar o Espaço Geográfico. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**. Sobral, v. 4/5, p. 67-79, 2002.
- ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: História, Conceitos e o Uso da Paisagem Percebida como Perspectiva de Estudo. **RA´E GA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007.
- SILVA, Tomás Rech da. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a co-gestão das águas do manancial. **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. 2005, Londrina – PR.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- VAZ, Ademir Divino. A Geografia e sua Pertinência para o Estudo da Diversidade Cultural - Um Território Cigano. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 19, 2006. p. 69-80.

Recebido em: 20/12/2015

Aprovado em: 17/03/2016